

GABRIELE AMORTH

Maria

um sim a Deus



PAULUS



PREFÁCIO

ENCONTRO COM MARIA

*O Filho de Deus, Jesus Cristo, não foi “sim e não”,
mas tudo n’Ele foi “sim”. (2Cor 1,19)*

A principal finalidade deste livro consiste em pôr em devida luz a pessoa humana de Maria, como é apresentada a partir dos textos sagrados e dos estudos sobre a época em que viveu. O leitor poderá distinguir por si tudo o que é certo, a partir do que é narrado pelos evangelistas, e o que é probabilidade, pois baseado nos supostos costumes daquele tempo. Não há dúvidas de que existem também incertezas a respeito da interpretação dos textos bíblicos, excessivamente cheios de significados e afastados da nossa cultura para serem totalmente compreendidos. Mas as dificuldades não devem paralisar-nos no esforço de conhecer cada vez melhor o rosto daquela que é a Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Os biblistas insistem de forma veemente em dizer-nos que a Sagrada Escritura é anúncio de salvação; também os Evangelhos

têm um evidente escopo catequético. Este conceito dá-nos a chave para compreender os textos sagrados e o critério usado pelos inspirados autores na escolha dos episódios que narraram. Tudo o que neles foi escrito tem um valor salvífico; os episódios históricos aconteceram realmente, mas o escritor sagrado escolheu apenas os que seriam precisos para anunciar a mensagem da salvação. Este é o critério-base da interpretação. Para o leitor resultará uma certa surpresa, talvez a impressão de se querer complicar as coisas, quando perceber o valor dos episódios que era costume interpretar com uma certa simplicidade; mas poderá agora apreciá-los em profundidade. Este mesmo critério explica-nos o silêncio dos Evangelhos, por exemplo, sobre o que se refere ao aspeto físico de Jesus, à família de Nossa Senhora, à morte de José... São factos que se revestem de importância para o nosso interesse histórico-biográfico, mas que não têm valor para o anúncio da mensagem, e por isso estão ausentes.

Procuramos o rosto humano de Maria, conjuntamente com o seu papel no plano da salvação, para compreender o segredo da sua grandeza e evitar o risco de transformar a Virgem numa abstração de santidade, ou numa figura privada de personalidade. O Evangelho no-la descreve como humilde e pobre, com uma vida interior difícil, uma compreensão sofrida e progressiva, mas sempre numa atitude de quem aceita a vontade de Deus sem condições e sem pedir explicações ou garantias. É-nos apresentada na contínua renúncia aos seus planos pessoais e às suas projeções, para assim poder inserir-se nos desígnios divinos.

O título: *Maria, um sim a Deus*, pretende evidenciar o aspeto mais característico da Virgem de Nazaré: a adesão contínua à vontade de Deus, com uma fé e uma obediência heroicas, num abandono de amor total e responsável. Quer evidenciar a importância deste *sim* no desenrolar da redenção, e o poderoso apelo de conformarmo-nos a todo o custo à vontade do Pai. A *Lumen gentium* afirma: «O Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele destinara para mãe, precedesse a Encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra

mulher contribuisse para a vida» (n. 56). Eva é a mulher do *não*, a mulher da desobediência; Maria é a mulher do *sim*, em toda a sua vida. Um *sim* ininterrupto dado ao Pai, que delineou a imitação e a colaboração de Maria em vista da obediência do Salvador: «O Filho de Deus, Jesus Cristo, não foi “sim e não”, mas tudo n’Ele foi “sim”». Foi o que São Paulo afirmou, como teólogo da obediência salvífica de Cristo.

«A finalidade última do culto à bem-aventurada Virgem Maria é glorificar a Deus e levar os cristãos a aplicarem-se numa vida absolutamente conforme a sua vontade» (MC 39). Esta finalidade é melhor alcançada se se aprofundar o conhecimento de Maria, ajudando ao desenvolvimento da sua devoção, que Paulo VI nem hesitava de chamar «elemento qualificante da genuína piedade da Igreja». E acrescentava: «O culto a Maria, subordinado ao culto a Cristo, espelha o papel singular que a Mãe de Deus, por vontade divina, teve no plano da salvação» (MC *premissa*).

A razão principal do presente trabalho é ajudar a conhecer Maria; creio que será para todos um apoio na compreensão desta nossa irmã e mãe, que pela sua fé agradou a Deus acima de qualquer outra criatura: uma fé plena, sustentada apenas no abandono confiante à palavra de Deus, apesar de um conhecimento sempre imperfeito, limitado, progressivo. Após esta tarefa, consagramos alguns capítulos a uma forma de devoção mariana que resume o culto a Maria, e que nestas últimas décadas foi progressivamente estendendo-se: *a consagração ao seu Imaculado Coração*.

Para utilidade das paróquias e dos grupos de oração, no final de cada capítulo mencionamos as leituras bíblicas apropriadas, que se podem adotar para as celebrações quotidianas da Eucaristia ou da Palavra. Queremos assinalar o perigo do hibridismo, denunciado pela *Marialis cultus*: «Acontece, algumas vezes, que na própria celebração do Sacrifício Eucarístico são inseridos elementos que fazem parte de novenas ou de outras práticas piedosas, com o perigo de o Memorial do Senhor não constituir o momento culminante do encontro da comunidade cristã, mas ser como que a ocasião para algumas práticas

devocionais. [...] que se harmonizem os piedosos exercícios com a Liturgia e não que se confundam com ela» (MC 31).

Não nos parece que se possa cair neste perigo quando a escolha de outras leituras bíblicas for permitida pelo calendário litúrgico, e quando a temática mariana for tratada no seu contexto natural, que é o papel de Maria no plano da salvação, com o seu centro no mistério pascal.

O autor